

Os desafios da educação especial na prática do AEE em Santa Cruz Cabrália-BA

The challenges of special education in the practice of AEE in Santa Cruz Cabrália-BA

DOI:10.34117/bjdv7n4-537

Recebimento dos originais: 04/02/2021

Aceitação para publicação: 01/03/2021

Dilce Teresinha Assunção Da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS;
E-mail: assuncaodilce@gmail.com

Roniere dos Santos Fenner

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

RESUMO

O presente estudo caracteriza-se por ser de natureza qualitativa, de cunho exploratório baseado em uma palestra realizada no I seminário Regional do Extremo Sul da Bahia sobre “os desafios da Educação Especial na prática do AEE em Santa Cruz Cabrália-BA”. O objetivo geral da presente pesquisa foi procurar identificar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores do Atendimento Educacional Especializado - AEE da rede pública de Santa Cruz Cabrália- BA, e como fazem para incluir os alunos com deficiência no processo de ensino e aprendizagem. Metodologia: Os docentes responderam um questionário semiestruturado e entregaram um pequeno relato sobre as práticas por e-mail sobre as atividades e os materiais que utilizam para trabalhar com os alunos na sala de recursos multifuncional - AEE. Análise dos dados: Os dados coletados foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo, Segundo as proposições de Bardin (2002), e corresponde a uma metodologia que possibilita a descrição e a interpretação dos conteúdos das mensagens.

Palavra chave: desafios, práticas docente

ABSTRACT

This study is characterized by being of a qualitative nature, of an exploratory nature based on a lecture held at the 1st Regional Seminar of the Extreme South of Bahia on “the challenges of Special Education in the practice of ESA in Santa Cruz Cabrália-BA”. The general objective of the present research was to try to identify the pedagogical practices used by the teachers of the Specialized Educational Service - AEE of the Public Network of Santa Cruz Cabrália-BA, and how to include students with disabilities in the teaching and learning process. The teachers answered a semi-structured questionnaire and delivered a short report on their practices by e-mail, the activities and the materials they use when working with students in the multifunctional resource room - AEE Data

analysis: The data collected were submitted to the Content Analysis technique , According to the propositions of Bardin (2002), and corresponds to a methodology that allows the description and interpretation of the contents of the messages. We need to increasingly value qualified human resources and trained professionals to meet the needs of this public in question, so that this type of practice is carried out in any type of school to better meet the specific needs of each student and the demand of the context.

Keywords: challenges, teaching practices.

1 INTRODUÇÃO

Ao conhecer os profissionais e observar as atividades práticas e seus trabalhos realizados em Sala de Recursos Multidisciplinar, percebi que é um tema em constante discussão e de muitas aprendizagens. Sendo assim, Observou-se as práticas e de que forma elas estão sendo aplicadas e/ou inseridas dentro do contexto escolar.

Descrevo uma série de apontamentos e observâncias que serviram para iniciar a escrita que ora compartilho. Espero contribuir com as possíveis respostas e interrogações que surgiram acerca do processo formativo e pela experiência profissional, para que sejam observadas as escolhas pessoais e as escolhas do entorno (aquelas que acontecem na escola) a fim destacar a força da genialidade de poder compreender qual é o sentido de estarmos diante do outro na sua diversidade e na interação com o mundo.

Assim, este estudo foi construído e elaborado à partir da observação participante, durante o período de acompanhamento das atividades e na construção de materiais pedagógicos, estes realizados através de oficinas de materiais reciclados bem como também dos relatos de experiências. A pesquisa foi se construindo e se estruturando ao longo do trabalho e ao conhecer a realidade, as dificuldades enfrentadas pelos docentes do Atendimento Educacional Especializado - AEE, as práticas adotadas no cotidiano escolar para enfrentar as dificuldades presentes para incluir alunos especiais.

Pensando na realidade do AEE, questionou-se alguns exemplos de pessoas que tiveram dificuldades de ingressar no contexto escolar. Estas podem ser de ordem intrínseca aquelas que não necessitem de outra pessoa para se desenvolver e interagir ou extrínseca que dependerá do mundo externo e de outros sujeitos, ainda provavelmente que se encontrem envolvidas e suas expectativas frente ao aprendizado, as habilidades e a integração desta criança com deficiência.

Considera-se que aprender é um fato social e de acordo com Durkheim (2007), o fato social é a maneira de fazer, seja ela fixada ou não, possuindo existência própria, independentemente de suas manifestações individuais. Contudo, cada um têm seu ritmo próprio de aprender e é provável que cada sujeito venha desenvolver suas habilidades próprias.

O aluno do atendimento educacional especializado *busca desafiar o profissional diante de sua demanda presente* e neste momento o profissional deve estar preparado. O professor deve observar para entender o que realmente este aluno *necessita e o que ele traz para ser trabalhado*. É indispensável conhecê-lo, precisamente suas *potencialidades diante de sua dificuldades*, o que ele gosta de fazer. Neste sentido a inclusão tem toda uma diversidade presente a qual está inserida no cotidiano escolar e este é um mundo novo para o aluno que esta ali e precisa desvendar para o seu desenvolvimento.

Diante as diversas singularidades presentes na escola a educação está diante de um desafio constante que é o da inclusão. Em relação às Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), o apoio a inclusão está contido neste conceito, onde deve-se trabalhar num apoio colaborativo, envolvendo a família no processo de diferentes olhares e funções para melhor apoiar a inclusão do aluno especial no contexto escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

Pensando em uma maneira para melhor auxiliar os docentes, porque frequentemente, os alunos com dificuldades eram encaminhados para avaliação e diagnóstico com os profissionais da saúde, e por sua vez havia uma situação ansiogênica, angustiante dentre os profissionais para poderem encaminhar este aluno, aguardando para receberem um laudo das causas individuais das dificuldades de aprendizagem.

Segundo, Asbahr e Lopes (2006), os diagnósticos quase sempre "revelam" a presença de deficiências ou distúrbios nos alunos encaminhados, qualificando-os como portadores de desequilíbrios, deficiências, distúrbios emocionais ou neurológicos, agressividade, hiperatividade, apatia e conferindo-lhes muitas outras rotulações.

Assim, para melhor atender e compreender esta demanda, foi pensado e desenvolvido formulários de encaminhamento com critérios importantes como a *queixa*

principal, ao encaminhar o aluno para avaliação pedagógica ou saúde, o docente teria que colocar a referida “queixa principal”, objetivando a análise para encaminhamento, ainda, para construir o planejamento individualizado observando a necessidade específica de cada aluno. Com este formato o atendimento foi melhor organizado possibilitando uma maior compreensão, orientação e trabalho colaborativo também para o professor o AEE quanto para o ensino regular, sabe-se que alguns dos alunos frequentam tanto a sala de recursos quanto a sala regular.

Souza (2000), evidencia que o olhar sobre a queixa escolar não pode ser privado "de uma complexa rede de relações sociais", ou seja, deve articular as esferas individual e social, incluindo a complexidade dos processos de escolarização.

A sala de Recursos Multifuncional contribui com o processo de inclusão educacional, da seguinte forma: trabalha com os alunos no contra-turno ao ensino comum a que estão matriculados, conforme cronograma e horários definidos, atendimento individual ou em grupo, ainda a Sala de Recursos Multifuncional, também orienta os Pais sobre a importância do AEE para complementação da aprendizagem no acompanhamento na sala comum.

Em Santa Cruz Cabralia, contempla a Sala de Recursos Tipo I, que compreende o público-alvo: ***I crianças com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial. II - alunos com transtorno global do desenvolvimento e III - altas habilidades/superdotação.***

A cada necessidade presente nos alunos matriculados na classe comum e que necessite de avaliação, como também situações de transferência do aluno com deficiência, este deve ter seu ingresso garantido no AEE, e seu desenvolvimento com proposta flexível, com escuta e orientações para que o professor objetive em suas práticas criar atividades para desenvolver as potencialidades.

Dentre as atividades propostas específicas desenvolvidas no atendimento educacional especializado destaca-se: as oficinas, pintura em tela, jogos pedagógicos, vídeos, narrativas sobre as atividades realizadas no AEE, onde o Setor da Inclusão socializa com os demais, Formações para os Professores, Formação continuada para Profissional de Apoio, a qual já está na no terceiro ano, objetivando sempre a qualificação dos profissionais para o melhor trabalho na inclusão.

Lembrando que o *Laudo serve para apoio de um entendimento e suporte para planejar as atividades do aluno com dificuldades*. Até que ponto é possível culpar as dificuldades apresentadas pelo aluno em detrimento *da não habilidade de um professor ou de uma escola em lidar com esse jeito diferente de aprender?* Será mesmo verdade que sem um laudo clínico o professor ou a escola não podem fazer nada para ajudar o aluno? A escola é para todos, sendo assim, não cabe a ela essa exigência!

A educação que busca compreender as relações humanas, não pode se colocar como uma entidade solitária, e sim como uma entidade que pode se unir em um pensamento focado na importância de ver através de diversos olhares. No que diz respeito a inclusão escolar é preciso repensar o sentido que se está atribuindo à educação, além de atualizar nossas concepções e resignificar o processo de construção de todo o indivíduo.

Para BIANCHETTI (2002), é preciso ter claro o fato de que diferenças existem entre olhares e ser olhado: a quem olha, pertence; tem a primazia de escrever uma história que pode se oficial; o outro, o diferente, alvo do olhar, está frequentemente na dependência da decisão e da direção de quem olha!

2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O AEE

A Educação inclusiva compreende um processo que garante a toda criança sua matrícula na rede regular de ensino, e elas podem ser ou não portadoras de necessidades especiais. Durante muitos anos ocorreram movimentos em prol da inclusão, e a partir destes que a educação passou a transformar as suas políticas pedagógicas em ações para desenvolvimento e aprendizado destas crianças.

Segundo MORIN (2000), o ato de educar deve possibilitar espaços que visem o surgimento de projetos e de cidadãos preparados para conviver e atuar dentro de uma sociedade não discriminatória e, ao mesmo tempo, inclusiva.

Entendemos que as práticas estão constantemente em transformação, e é através das trocas de experiências nos seminários que provavelmente teremos mais oportunidade de aprendermos novas maneiras de chegar ao encontro do nosso aluno, especialmente tratando do aluno com deficiência. Vale lembrar que as transformações sociais são resultantes, evidentemente, de ações coletivas.

Entretanto, é importante que os processos para tais transformações se façam com vistas a contar efetivamente com o indivíduo, onde se deduz que o homem torna-se indivíduo–cidadão-aprendente.

Para Arnot (2006), numa perspectiva analítica, o aluno possa ser visto na escola não apenas como cidadão aprendiz, mas também como aprendiz entendido como cidadão com direitos. Por outras palavras, a separação analítica do estudo do “cidadão como aprendiz” e do “aprendiz como cidadão” pode tornar-se relevante para os debates actuais acerca dos direitos dos alunos na escola e sobre o próprio alcance da educação para a cidadania.

O conceito de aprendizagem emergiu das investigações empíricas em Psicologia, base de formação da pesquisadora, ou seja, de investigação com base no pressuposto de que todo conhecimento provém da experiência.

Segundo VIGOTSKY (2005), o carácter da Educação de um homem é totalmente determinado pelo meio social em que ele cresce e se desenvolve. O meio nem sempre influencia o homem direta e imediatamente, mas de forma indireta, através de sua ideologia, chamamos de ideologia todos os estímulos sociais que se estabelecem no processo de desenvolvimento histórico e se consolidam na forma entre outros.

3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo versa acerca da investigação sobre a aplicabilidade das práticas pedagógicas adotadas por parte dos docentes do AEE, ou seja, como estes tem lidado com o seu processo e o incluir e suas práticas, além de perceber as suas maneiras próprias de atuar e adquiridas conhecimento para compreender aquilo que é posto em sala de aula. Sob esta ótica defendo a ideia que o referido tema deve fazer parte do cotidiano escolar ou seja, *os desafios da Educação Especial na prática do AEE*, devem ser debatidos e fundamentados diariamente em pesquisas e modos de viver dos próprios sujeitos da Educação, motivando as pessoas para uma ampliação da compreensão sobre os sentimentos e percepções, igualmente em relação ao seu próprio aprender e como ajudar seus alunos na construção de seus saberes.

A pesquisa fez surgir de forma mais contundente que a concepção do atendimento educacional especializado é fator determinante na mudança de práticas pedagógicas também na educação regular, possibilitando que à partir de um olhar sobre as ações para

que aconteça a mediação concretamente, ainda compreendendo a realidade deste aluno para que a escola seja importante no processo de reconhecimento social dos sujeitos.

Finalmente, o objetivo do presente estudo foi identificar e apresentar as práticas utilizadas pelos professores do AEE, bem como quais os materiais, conhecer as estratégias e identificar a existência ou não de projeto político pedagógico para trabalhar com os alunos especiais.

Assim, a pesquisa fez emergir de forma mais contundente que a concepção do AEE é fator determinante na mudança de práticas pedagógicas na educação formal, possibilitando que esta mediação aconteça concretamente e a partir da compreensão da realidade para que a escola seja importante no processo de reconhecimento social dos sujeitos.

4 METODOLOGIA

Foi realizada um encontro com os docentes antes do evento com orientações e explicações sobre a apresentação e a participação no seminário sobre as práticas do AEE, houve a solicitação da entrega do questionário e relatório por e-mail sobre as ações, ainda foi solicitado alguns materiais que fizeram parte de uma sala temática onde ficou exposto todo o material entregue durante a apresentação para que os participantes de vários locais pudessem ter acesso, observar, masuar e tirar fotos. Foi possível ver a riqueza pedagógica através do encontro e dos materiais entregues pessoalmente para compreender quais atividades é utilizada no cotidiano com seus alunos em sala de recursos.

4.1 SINTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordagem da Pesquisa	Qualitativa
Forma assumida	Pesquisa Qualitativa
Coleta de informações	Questionário semi-estrutura, relatório de atividades e Diário de Campo
Interpretação das informações	Análise de conteúdo de Bardin (2002)
Campo de Estudo	Práticas do AEE

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este trabalho caracteriza-se por ser de natureza Qualitativa de cunho exploratório baseado em um estudo envolvendo docentes do AEE na rede municipal de ensino, os que estavam presente no Seminário e receberam certificado de 30h de participação que

ocorreu nos dias 28, 29 e 30 de maio de 2018 na Universidade Federal do Sul da Bahia – UFBA.

Cabrália tem 516 anos de História, 183 anos de Emancipação Política. A história de Santa Cruz Cabrália inicia-se no ano de 1500 com a chegada e a conquista do território brasileiro pelos portugueses. O município se encontra localizado na Costa do Descobrimento no litoral norte da região do extremo sul do estado da Bahia. Seu território, antes da chegada dos portugueses, era habitado na faixa litorânea por índios da etnia Tupiniquim do tronco linguístico Tupi-Guarani.

No século XVI, foi construída a primeira igreja em invocação a Nossa Senhora da Conceição. O nome Santa Cruz foi dado em homenagem a cruz da fé cristã utilizada na ocasião da 1ª Missa do Brasil no Ilhéu de Coroa Vermelha e o segundo, Cabrália, em homenagem a Pedro Álvares Cabral. Os habitantes de chamam de santa-cruzenses, tendo como fonte de renda o turismo, a pesca, a agricultura e o artesano. População: censo IBGE 2018, com estimativa em 2019 é de 27.778 pessoas. O município possui 26 escolas municipais e 02 escolas de ensino médio, totalizando 5.160 alunos matriculados no ensino fundamental e 1.132 no ensino médio, destes 127 alunos matriculados em Sala de Recursos Multifuncional.

4.3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação e confiabilidade. Os profissionais assinaram juntamente com o pesquisador o Termo de consentimento livre esclarecido – TCLE, sendo que os dados ficarão sob a guarda da pesquisadora, garantindo a ética, sigilo e confiabilidade.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo, Segundo as proposições de Bardin (2002), que corresponde a uma metodologia que possibilita a descrição e a interpretação dos conteúdos das mensagens. Ainda, para esta autora, a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Os referidos dados foram fundamentados em referências da literatura que aborda a temática sobre as práticas pedagógicas para aplicabilidade na modalidade do atendimento educacional especializado – AEE.

6 RESULTADO DA ANÁLISE

Após realizar a leitura e análise dos relatórios encaminhados e com resposta do questionário sobre os materiais utilizados na aplicabilidade em sala de recursos multifuncional-AEE, foi possível verificar que cada núcleo (sala), compõe-se de materiais diferentes e algumas se agregam aos demais e em sua grande maioria, estes são construídos pelo próprio docente num trabalho colaborativo com o aluno, dando uma maior validade, afetividade na ação para construção de um material desenvolvido em etapas. Estas etapas que descreveo, significa que cada oficina constrói-se uma parte de um planejamento das oficinas e conseqüentemente vem tantas outras para complementar este trabalho e criar outras.

Dentre os materiais citados e encaminhados pelos docentes, identifiquei que as atividades eram construídas para aplicabilidade na própria sala de recursos em que atuavam, estes eram construídos com materiais reciclados coletados entre os colegas e mães de alunos. Ainda, tinha a parte de pinturas onde em muitas ocasiões eram adquiridos, ou seja, comprado pelos mesmos profissionais objetivando incentivar e auxiliar o aluno em seu desenvolvimento, autonomia, autoestima, socialização e integração entre os colegas, fazendo parte das atividades propostas.

Os profissionais confeccionaram os materiais para atender uma diversidade especial com muitas carências presente na inclusão, a demanda é grande e a falta destes materiais também para trabalhar a necessidade e especificidade de cada aluno.

Assim, quero deixar registrado que em cada exemplo de ação está também o exemplo de atividade proposta e construída num ação em conjunto entre docente e discente. Os profissionais terão seus dados mantidos em sigilo, devido à ética e a responsabilidade com o estudo, mas dentre as especificidades será descrito as atividades e seus objetivos no desenvolvidas das ações.

Utilizaram para auxiliar e reforçar as habilidades cognitivas, motora, motora fina, alunos com deficiência cognitiva, autismo, paralisia cerebral, pensando em proporcionar a estes alunos materiais acessíveis e experiências práticas que a construção colaborativa

surgiu durante o aprendizado, com a finalidade de agregar maior entendimento e confiança na confecção dos mesmos durante o manuseio, sendo na sua maioria são materiais lúdicos.

Na prática é priorizado à independência e autonomia, trabalhando com as rotinas de higiene (banheiro, lavar as mãos), refeições, socializar para pedir o que deseja, varrer, dobrar blusa, abrir e fechar zíper, abrir e fechar os botões da roupa, amarrar cadarço dos tênis. Assim, a cada etapa conquistada das habilidades a professora analisava, observava e então partia para parte cognitiva onde utilizava outras ações no desenvolvimento individual, como exemplo estes materiais, confeccionados em sua grande maioria com materiais reciclados.



Estas práticas, tem como objetivo desenvolver um trabalho que contribua com o ensino educacional inclusivo, respeitando e valorizando as especificidades e limitações de cada educando no contexto social, cultural da educação escolar inclusiva. Pensando em ações específicas para educativas para o aluno com autismo –TEA, pensando especificamente na coordenação motora, procurou então trabalhar em grupo (que tem como objetivo, estimular o meio social com o próximo de materiais), como gravuras e imagens (desenvolver a oralidade e ampliar o seu vocabulário através do reconhecimento e descrição das gravuras). Na parte da discriminação visual, pensando em agregar jogo de memória para estimular o raciocínio lógico, completando com figuras e pinturas livres, desenvolvendo a memória visual, autonomia e ainda, a rotina tão necessária.

Com relação a discriminação visual, foi pensado no que era importante trazer para o aluno que fosse motivá-lo como os jogos de memória, potes coloridos, recortes de figuras, trazer para o cotidiano os materiais que lembram alguma situação vivenciada de sua memória diária e do seu contexto.

Na organização de materiais para trabalhar com alunos com deficiência intelectual, foi inserido as seguintes atividades: atividade de alfabetização; Identidade ;

reconhecer figuras e gráficos; analise e síntese; montar quebra cabeça e trabalhar com objetos concretos (estimular a criatividade e desenvolver habilidades como a memória visual e a coordenação motora).

Ao falarmos discriminação auditiva, foi trabalhar com músicas indígenas; criar atividades com dança (identificar sons variados); desenvolver habilidades orais e corporais; jogos matemáticos adaptados, como numerais, damas, quebra-cabeça e sementes (desenvolver o raciocínio lógico, estimular as percepções sensoriais e aprender a contar com o uso de objetos manipuláveis). Ainda, como atar os cadarços objetivando neste aprendizado a concentração, cores, psicomotricidade

Como exemplo estas matérias confeccionadas na escola.



Pensando em auxiliar e integrar nas atividades os alunos com diagnóstico de paralisia cerebral, foi criado alguns jogos educativos, objetivando na ação o reconhecimento das vogais, discriminação visual, reconhecimento de imagens. A atividade iniciava com o círculo das letras feitas com papelão para que o aluno pudesse reconhecer as gravuras e sua letra inicial. Material para confeccionar esta atividade: papelão ou papel cartão, gravuras com as letras iniciais das vogais, cola e prendedores de roupa.

O segundo material na mesma sequência também foi criado o tabuleiro, objetivo deste o reconhecimento de letras e a sequência do alfabeto, o material utilizado na confecção foi com uma cartela de ovos, 26 tampinhas de garrafa pet, fichas com as letras do alfabeto e fita crepe.



Os jogos educativos foram tendo muita aceitação durante as atividades em sala de recursos e logo surgiu mais um agora vou descrever um pouco sobre o pote das cores, tendo como objetivo o auxílio no conhecimento das cores e na ação para desenvolver a coordenação e o uso da pinça. Para este foi utilizado os seguintes materiais: garrafa pet, bolinhas coloridas feita de lã, palitos de churrascos e tampinha de desodorante, foi colado a tampinha do desodorante no palito de churrasco para poder tirar e tralhar o equilíbrio e coordenação.



POTES DE BOLINHAS



CONTANDO COM SEMENTES E TAMPAS PET

Contando com sementes, esta atividade objetivo principal e o aprender a contar, desenvolver os movimentos sensoriais, e reconhecer os numerais. Utilizou-se para a construção, papelão, tampinhas de garrafa pet, piloto, cola, cola isopor, e sementes de aleluia, (um arvore de pequeno porte com flores amarela, utilizada para fazer colares, pulseira e artesanato no geral).

Não poderia deixar de lado os alunos com surdez, pensando em algo que fosse envolver é que foi criado o jogo números em libras, objetivando trabalhar os numerais na linguagem dos sinais. Este material doi feito com cd, ficha com números em libras, papel cartão, cola e piloto.



JOGOS DE NUMERAIS EM LIBRAS

Jogo das arcolas interativo, para estimular a coordenação motora, autoestima, aspectos psicomotores, equilíbrio ao jogar as arcols, as cores. Feito com garra de guaraná, argolas, canudos, no apoio tem isopoe e papel coloriado de folha a4.



ARGOLA INTERATIVA

Continuando na descrição, também foi criado um material com canudos e folhas de revistas, para trabalhar com crianças cadeirante com paralisia cerebral. objetivo: concentração; conseguir colocar os canudos nos buracos da caixa, canudos foram confeccionados com revista, os alunos tinham que distinguir a espessura e relacionar com os demais canudos apresentados. Com este material foi possível verificar as habilidades motoras durante a atividade. Material utilizado: caixa, tnt verde, forminha de brigadeiro, emborrachado com brilho revista, cola para papel e cola quente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dois anos realizando encontros, seminários com temática específicas do AEE, Formação Continuada para docentes do AEE, profissionais de Apoio e demais profissionais da educação, foi realizado o presente estudo que caracterizou-se por ser de natureza qualitativa, de cunho exploratório baseado em uma palestra realizada no I seminário Regional do Extremo Sul da Bahia sobre “ *os desafios da Educação Especial na prática do AEE em Santa Cruz Cabralia-BA* ”. Fizeram parte da população do estudo os 07 docentes com base nos critérios de inclusão e exclusão elaborados. Os materiais selecionados pelos critérios de encaminhamento e pela singularidade do aluno.

Na presente pesquisa foi identificado que os docentes, utilizam basicamente as estratégias como: reuniões com os pais, oficinas de artes, pinturas construção de materiais que podem ser considerados meios pessoais no enfrentamento das dificuldades apresentadas pelos alunos, pois cada um tem sua maneira particular de organizar toda a demanda de informações recebida em aula.

Através dos dados coletados, foi possível perceber a forma como os docentes da modalidade Educação Especial, sujeitos da pesquisa se organizam diante do reconhecimento e enfrentamento de dificuldades, utilizaram encontros de aprendizagens, oficinas multidisciplinar, relatos de experiência e troca de materiais entre-os, assim, foi possível identificar à partir daí a utilização de materiais pedagógicos construídos em sala de recursos de forma diferenciada para auxiliar o aluno na inclusão educacional.

Estudos e pesquisas relatam que a brincadeira influencia no processo de ensino e aprendizagem, favorecendo a aquisição de linguagem e pensamento lógico, proporcionando saúde física, mental e social. Para Fredes” [...] a ludicidade é importantíssima para a construção de bases sólidas e impulsão para a o processo de aprendizagem” (1989).

Com estas atividades praticadas em SR é notória a alegria que os alunos participam, o prazer de estar com os professores, principalmente na realização de atividades que envolvam artes no geral, mas é provável que dentre as atividades, as pinturas sejam as preferidas, no olhar dos docentes estas pinturas contam histórias sobre o aprendizado, sobre a natureza, acontecimentos, ainda, seu jeito de ser, suas preferencias, habilidades e potencialidades. Relatei as pinturas, porque na minha observação ficou latente esta questão, provavelmente sejam as que mais gostem de fazer pela sensação do colorido, do que desperta em cada um, por estarem livres para criar, pelo movimento, a troca e a brincadeira com os colegas.

Continuar a escrita deste documento que ora se finaliza, deixo aqui a observação de que o trabalho desenvolvido através de práticas pedagógicas do AEE, e ao mesmo tempo desenvolvendo ações pertinentes as políticas públicas em educação especial inclusiva para estudantes com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e transtornos funcionais específicos, por meio do Atendimento educacional Especializado em Sala de Recursos Multifuncional, sendo ofertado no contraturno nos núcleos dentro das escolas da rede municipal de ensino, ainda, com atividades voltadas também para alunos com deficiência auditiva e baixa visão.

Precisamos a cada vez mais ter profissionais qualificados e com o perfil validado para que seja feito este tipo de práticas em qualquer tipo de escola para melhor atender as necessidades específicas de cada aluno e a demanda do contexto.

Faz-se necessário que os gestores olhem com respeito para com estes alunos e profissionais, para que observem as necessidades de qualificações, formações e levando em consideração a importância destes e suas habilidades para atuarem com este público tão especial e muitas vezes tão carente de tudo, ainda, necessário mais investimentos em recursos humanos, incentivos, materiais pedagógicos, sala adequadas arquitetonicamente e tecnologia assistiva para determinadas especificidades.

Este estudo desenvolvido foi muito gratificante e de grande aprendizado, fiz grandes amizades, fiz escuta e acolhimento em todos os momentos pertinentes durante as atividades como pesquisadora e orientadora, apoiando estes valentes profissionais da educação especial. Quero deixar aqui meu muito obrigada pela oportunidade de conviver e de conhecer um pouquinho de cada um, seus sentimentos, suas angústias e seus objetivos, assim finalizo dizendo que em cada lugar deixo um pouquinho de mim e levo um pouquinho de cada um!! Gratidão!!!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. **Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar.** Psicologia Escolar e Educacional, 6, 155-165.2002.

ALVES, G. L. A Produção da Escola Pública Contemporânea. Campo Grande: Ed. UFMS; Campinas: Autores Associados, 2001.

ARANHA, M.S.F. **Educação inclusiva:** a fundamentação filosófica/coordenação geral. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 2004. v.1
Asbahr, F. da S. F., & Lopes, J. S. (2006). **A culpa é sua.** *Psicologia USP*, 17(1),53-73. Acesso em maio de 2020.

Arnot, Madeleine (2006). **Freedom's children: a gender perspective on the education of the learner-citizen.** *Review of Education*, 52, pp. 67-87

BIANCHETTI, L. Um olhar sobre a diferença: as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. In: DENARI, F. E.; MANZINI, E. J. (Ed.). *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília/São Carlos: UNESP/ABPEE, v. 8, n. 1, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2002.

BUENO, J. G.S. **Educação especial brasileira: integração/ segregação do aluno diferente.** São Paulo: EDUC, 1993.

BUENO, B. O. et al. (Org.). **A vida e o ofício dos professores:** formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998.

BUENO, J.G.S. **As políticas de inclusão escolar, uma prerrogativa da educação especial.** In: BUENO J.G.S; MENDES, G.M.L; SANTOS, R.A. (Org.). *Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise.* Araraquara: Junqueira & Marin. Brasília: CAPES, 2008. p.43-63.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Especial.** Brasília: Ministério da Educação. 1998.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 23 DEZ. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. **A História não Contada dos Distúrbios de Aprendizagem.** *Cadernos CEDES* nº 28, Campinas: Papirus, 1992, pp.31-48.

Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. (1994, Salamanca).

DURKHEIM, **É As regras do método sociológico.** São Paulo, Martins Fontes, 2007.

Tédde, Samantha. T254c - **Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão** / Samantha Tédde. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.

FALCONI, Eliane Regina Moreno; SILVA, Natalie Aparecida Sturaro. **ESTRATÉGIAS DE TRABALHO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL AEE. AEE, Atendimento Educacional Especializado**, v. 10, 2002.

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000300009

FONSECA, Victor da. **Uma introdução as dificuldades de aprendizagem**. Editorial Noticias Lisboa, 1999.

FERNÁNDEZ. A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. "Inclusão escolar: o desafio de uma educação para todos?". 2012.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREDES, Maria Elizabete Pereira. A ludicidade como estratégia na prevenção das integração. Brasília: **Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial**, julho/agosto de 1989.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GADOTTI M. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Arte médicas, 1994.

_____. **O verdadeiro, o belo e o bom: Os princípios básicos para a nova educação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas. Universia Brasil**. Disponível em: http://www.universiabrasil_howardgardner.html, 2005. Acesso 2015

GONÇALVES. Áurea Maria Stavale. **A criança disléxica e a clínica Psicopedagógica**. 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa sócial**. São Paulo: Atlas, 1999.

HONORA M. & FRIZANCO M. L., **Esclarecendo as deficiências: Aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva.** Ciranda Cultural, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE) em 2010 e divulgação em 2012 -<http://cod.ibge.gov.br/234fw>. Acesso em abril de 2016.

IBGE. 2013. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/234fw>>. Acesso em: 02 maio 2015.

OLIVEIRA, J.H. Barros de; Oliveira M. Barros. **Psicologia da Educação Escolar II Professor-Ensino.** Livraria Alameda, Coimbra Portugal, 1996.

OLIVEIRA, A. A. S. **Estratégias para o ensino inclusivo na área da deficiência intelectual** -Políticas públicas de formação de recursos humanos em educação especial. Londrina: ABPEE, p.69-82, 2009.

MACEDO, Lino. O lúdico nos processos de desenvolvimento e aprendizagem escolar. In: João Alberto da. (orgs). **Psicopedagogia em movimento.** Pelotas: EDUCAT, 2009.

MIRANDA, M.I. **Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização: contribuições e teorias piagetiana.** Araraquara, SP: JM Editora, 2000

MOOJEN, S. **Dificuldades ou transtornos de aprendizagem?** In: Rubinstein, E. (Org.). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MORAES R, **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.** Ciências & Educação: Bauru , SP, V9, 2003

MORIN, Edgar. **Ato de Educar.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000

PARANÁ, **Crítérios para o atendimento educacional especializado em Sala de Recursos Multifuncional** - Tipo I, na Educação Básica. Curitiba, 2011.

ROMERO, J.F. **Os atrasos maturativos e as dificuldades de aprendizagem.** In: COLL. C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológicos e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v.3.

TÉDDE, Samantha. T254c - **Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão** / Samantha Tédde. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.

TRIVINUS, A.N.S **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

VIGOTSKY, Lev; Leontiev; Alexis; Luria; Alexandr R. **Psicologia e pedagogia: Bases Psicológicas da Aprendizagem e do desenvolvimento.** São Paulo: Moares, 1991.

VIGOTSKY, Lev; **A Formação Social da Mente, São Paulo:** Fontes, 1991.

VIGOTSKY, Lev; Leontiev S. **Psicologia e pedagogia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKY & A Educação – João Batista Martins – Belo Horizonte – Autentica, 2005.

VOLKMANN. T. O. D. **Sala de recursos: uma opção para a superação das dificuldades de aprendizagem.** 46 f. Monografia (Curso de especialização em Educação Especial) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon, 1999.

WEBER & BENETTI, v(8), nº 8, p. 1900 – 1915, AGO, 2012. (e-ISSN: 2236-1308) Pós-Graduada em Educação: Interdisciplinaridade e Transversalidade, Unipampa.

<http://www.colegioweb.com.br/curiosidades/vantagens-e-desvantagens-das-escolas-de-tempo-integral.html#ixzz46r7FESkU>.

<http://www.mec.gov.br/portalbrasil.com/informacoes-do-ministerio-da-educacao>

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. O Programa de Contraturno Escolar. Disponível em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/> Acesso em: 23 de nov. 2011.

www.ministeriodaeducacao.gov.br

novaescola.org.br/formacao/deficiencia-intelectual-inclusao-636414.shtml

someeducacional.com.br/apz/...de_aprendizagem/DificuldadeAprendizagem.pdf

Higa, S. L., & Martinelli, S. C. (2006). As orientações motivacionais de estudantes do ensino fundamental. *Teoria e Prática da Educação*, 9(2), 169-177.